Acervo ISA

Senadora exige ação concreta

Romário Schettino
Da equipe do **Correio**

A senadora Marina Silva (PT-AC) criticou ontem, durante palestra no Encontro da Terra, que está sendo realizado no Teatro Nacional Cláudio Santoro, a falta de intervenção do governo federal na coordenação das políticas de desenvolvimento da Amazônia. Ela defendeu, por exemplo, a necessidade de modificar as concepções para o desenvolvimento amazônico. "Não é possível que apenas o Acre e o Amapá sejam os únicos estados do Norte a colocar em prática as orientações para a implantação do modelo de desenvolvimento autosustentável", lamentou a senadora.

O Acre e o Amapá estão investindo no que os ambientalistas acreanos chamam de "neoextrativismo" — aplicando novas tecnologias à produção tradicional de frutos da floresta, como cultivo de castanhas, cupuaçu, pupunha e até borracha. Com esse tipo de iniciativa, nos dois estados está surgindo uma espécie de migração ao contrário — as pessoas que foram embora estão voltando com novas perspectivas de vida. Muitas famílias que viviam na periferia das cidades estão retornando para as matas, gerando renda e reduzindo os problemas sociais nas cidades e nas periferias.

A senadora petista sugeriu que o governo federal entre de maneira mais efetiva e global na questão da Amazônia. Exigiu uma ação conjunta de todos os ministérios. "Não podemos deixar tudo para ser resolvido pelo Ministério do Meio Ambiente, que não tem recursos nem força política."

Marina criticou também a forma como está sendo liberado o índice de desmatamento no Brasil. "Esse ritual otimista e festivo que o ministro José Sarney Filho (do Meio Ambiente) adotou não corresponde à seriedade que o tema exige", afirmou. Segundo ela, a pequena redução no índice, de 0,01%, não é motivo de glória. "A verdade é que a taxa está estabilizada em níveis altíssimos e muito graves", disse Marina.

O clima dos debates de ontem no Encontro da Terra esquentou quando Alceu Barroso Lima, assessor para assuntos ambientais da Petrobras, tentou explicar os motivos do desastre ecológico da Baía da Guanabara. No dia 18 de janeiro, 1,3 milhão de litros de óleo vazaram de um duto da Refinaria Duque de Caixas, matando peixes, aves e paralisando a pesca. Alunos da Universidade de Brasília (UnB), que são maioria no encontro, queriam saber como ficava a vida dos pescadores prejudicados.

Barroso Lima disse que a empresa está adotando novas tecnologias para impedir outros acidentes e garantiu que todos os prejudicados estão sendo indenizados. "Ninguém terá prejuízos com a Petrobras, isso eu posso garantir", disse ele.

Falaram ainda ontem o embaixador de Bangladesh e Luiz Barbosa, secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal. Hoje, será a vez de Anajulia Rheringer Salles, diretora do Jardim Botânico de Brasília, e Paulo Nogueira Netto, ex-ministro do Meio Ambiente.

Documentação
OCCA/AMBIENTAL
Fonte CB
Data 13/4/2000 Pg 18
Class. 40